

QUINTA-FEIRA
Lisboa--23 de Julho de 1931

5 TOSTÕES

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

270

sempre

fixe

semanário humorístico



Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA 57



UMA "CHANCE,, PERDIDA



— Se em vez de te meteres no teatro, com a mania de ser «estrela», continuasses a ser costureira, ainda poderias chegar a... Rainha de Portugal!



Os ditos da semana



Bar Rebeca Naim Nusen, judia de 123 anos, caiu em Bucarest a uma ribeira e partiu uma perna. Como o lugar era deserto, Rebeca passou a noite abandonada no fundo da ribeira, deserta porque aparecesse alguém para a socorrer. Como boa judia que era, não deu um grito, porque ao judeu nada repugna mais, depois da carne de porco, do que dar ainda, que seja um grito.

Quando de manhã a levaram para o hospital a Rebeca já não tocava, tinha succumbido e, bem contra sua vontade, tinha dado a alma ao creador.

A moda Pela segunda vez a moda tenta a saia-calção para as mulheres.

A saia-calça é uma coisa que não é carne nem peixe. Nem é saia, nem é calça.

Ora nós que não somos costureiros permitimo-nos apresentar um alvitre:

Divide-se o sexo fragil em dois lotes: o lote das bonitas e o lote das feias, arrumando para um lado as belezas plasticas, a Venus de Milo, as Giocondas, todas aquelas enfim que não tiverem defeito, como nas lojas de fructas se costuma fazer ao pecego e suas consortes e, para o outro os estafermos de pernas tortas, joelhos anquilosados e joanetes. Depois metem-se todas dentro duma sala e atrai-se-lhe para lá com um vagon de saias e com um vagon de calças e a gente põe-se á coça, porque as saias destinam-se ás bonitas e as calças ás feias. E então é só fiscalisar.

Se uma teia veste uma saia grita-se de cá á saia: — saia. Se uma bonita enfia uma calça diz-se-lhe o mesmo: — saia. E enquanto elas ficam jul-

O nosso concurso

Parodia á quadra premiada no "Diario de Lisboa":

**Tenho uma nodoa no peito,
Uma nodoa e um cansaço,
Que me ficaram do geito
De dormires no meu regaço.**

Pode concorrer toda a gente, desde que a quadra venha decentemente vestida, e não olenda os bons costumes nem os concorrentes do "Diario de Lisboa". A parodia tem de ser, emfim, absolutamente potavel, sem nenhuma semelhança com a agua do sr. Carlos Pereira. E venham as parodias, até o dia 31 de Julho proximo.

E assim os concorrentes se habilitarão aos seguintes valiosissimos premios:

Uma assinatura do "Sempre Fixe" até o fim do ano.
Uma duzia de garrafas do magnifico e genuino vinho "Colares Ramisco", do Funil Gordo, oferta do nosso querido amigo Arberto Tota.

Uma friza ou camarote de 1.ª ordem para o grande filme sonoro portuguez, "A Severa", oferta da Empresa do Cine São Luiz.
Um expiendido almoço na "Chic", á Praça dos Restauradores.

gando que nós as tratamos com egualdade, gritando *saia* nos dois casos, veja lá o lei-

tor se não está tudo certo, para o fim que se tem em vista.

Mais um milagre de S.^{to} Antonio



AFONSO DE DORNELAS: — Este album de retratos de Santo Antonio é que foi o tira-teimas. Nesta confusão de narizes... de santos já eu me preparava para ver Santo Antonio no S. Vicente. Afinal quem resolveu a questão dos painéis de S. Vicente de Fóra foi o Vincenzo de Foppa!...

Divorcios A Austria encontra-se a braços com uma crise. Enquanto o mundo inteiro se debate com crises de miseria a Austria luta com uma crise de abundancia... de divorcios. E verifica-se que os esposos se mostram desavindos no regresso das ferias. Vão para os campos, vão para as praias e, quando voltam, estão pegados, que é como quem diz, estão despegados ambos com vontade de se verem livres um do outro. E então surge o divorcio como salvação.

Se se for a ver bem, estes casos devem ser mais numerosos nos casais que regressam das praias do que entre aqueles que voltam do campo. E que o ambiente campesino, embora mais dado a espiritos contemplativos, tem todavia menos que contemplar. Dizemos isto porque já temos ido algumas vezes aos Estoris, e cada vez encontramos mais bellos pontos de vista. E depois para o mar ninguem olha e em terra o horisonte é curto, é tudo a olho nu.

sempre
fixe

Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas.	Ano	26\$00
	Semestre:	13\$00
	Trimestre:	6\$50
Colonias portuguesas.	Semestre:	15\$00
	Ano:	30\$00
Strangeiro.	Ano:	34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente

Anuncios Isto agora, é, por tabela.

THEATRO

«RETROZ PRETO...»

NUMA das ultimas noites houve a porta do Parque Mayer uma cena de pugilato entre dois artistas teatrais. A cena teve por causa um artigo que um dos artistas escreve, considerando o outro desprimoroso para ele algumas passagens daquele artigo, pelo que quiz desagrar-se numa cena de pugilato que, felizmente, não teve consequencias.

Lamentamos o incidente, lamentando ainda mais que a volta dos contendores se tenha juntado tanta gente que nada tinha que ver com a questao, podendo muito bem ter evitado o conflito.



QUANDO a Paramount recrutou, para desempenharem a *Noite de Nupcias*, artistas de teatro, os jornais e revistas de cinema exultaram com a inclusao no elenco de duas raparigas que nunca tinham pisado um palco, lamentando ao mesmo tempo que a escolha não se fizesse apenas entre cinefilas e cinefilos.

Por motivos que para o caso não interessam, essas duas raparigas não chegaram a filmar, com bastante irritação delas, tendo mesmo chegado a dizer que não havia direito de irem para o cinema artistas de teatro, que certamente haviam de falhar, porque o cinema é uma arte muito diferente.

Passam-se tempos, e uma das cinefilas que nada fez no cinema entra para o teatro, esquecendo-se do que afirmára.

Cuidado! O teatro é uma arte diferente da do cinema!...



TAMBEM o nosso colega *Republica* diz que dois jornalistas se vão estrear no proximo inverno como autores teatrais, estando a ultimar uma revista destinada já a uma das companhias do genero. Quem será o autor-tecnico mais ou menos consagrado que vai apadrinhar a peça?...

O articulista Carlos Leal abandonou definitivamente as lides jornalisticas ingressando, ao que nos consta, no teatro.



OS ares no Parque Mayer andam turvos! Luta-se lá dentro e no Coliseu dos Recreios.

Ainda ha quem lamente os quinze tostões que se dão á entrada, dizendo que não ha divertimentos...



ESTREIA-SE brevemente, no teatro da Trindade, o vaudévillo *Os Velhos de Ouro*.



UM grande acontecimento no teatro do Gimnasio: Estreia-se brevemente o drama *João José... Alves da Cunha!*...



INFORMA a *Republica* que, na revista *O Canto da Cigarra*, a estrear brevemente no Variedades, ha um dueto felto por duas actrizes muito confundiveis.

Já sabemos de quem se trata. Os nomes são diferentes, mas os rostos não!



O actor Rafael Marques vai fazer no Coliseu dos Recreios o *comper* da revista *Viva Portugal!*

Esperamos que, nessa altura, se demore algum tempo em Lisboa, deslizando das suas amiudadas viagens a Santarem...



RECOMENDAMOS á gente do Variedades que leve quanto antes o *Canto da Cigarra*. E' que daqui a pouco entramos pelo inverno... e depois... lembrem-se da fabula «A Cigarra e a Formiga».

AUZENDA de Oliveira a nossa Auzenia, teve á sua partida do Brasil uma entusiastica despedida. Com a devida vénia, recordamos do nosso colega *Jornal Português*, do Brasil, os versos dedicados a Auzenia de Oliveira e que, por serem curiosos, publicamos:

«Ontem mesmo, sexta-feira,
Com muitas saudades minhas,
A Auzenia de Oliveira,
Que é uma actriz de carreira,
Foi fugindo... ás carreirinhas.

Caminho de Portugal,
Com um grande ar de desconfiança,
Que não julgo natural,
Foi abalou, afinal,
Dizem uns que, por doença.

Creio... não leva sezões,
Nem a cobra «lilá» pegou,
Mas, segundo opiniões,
Adoeceu de ilusões,
Que um desengano muito é.

E o mundo disse, e gritou,
Que por amor das carreiras,
E' que a pobre se cansou,
E de carreira, abalou,
Para evitar mais canseiras.

Mas se te seduz a roda,
Duma fortuna que dure,
Quando voltares, vem á moda,
Como os que sabem da pedreira,
Auzenia, arranja *Parures*.

MESTRE GIL



PORQUE seria que o José Gambôa perdeu o ar alegre que tinha. Passou a andar triste, severo. No teatro Avenida até já lhe chamam — o Marialva.

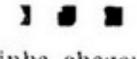


NO Apolo vai estrear-se uma companhia dramatica. A peça de estrela é, ao que consta, um drama original de Xavier de Magalhães e Almeida Amaral.

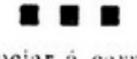
O teatro Nacional fecha as suas portas com o *Acto do Vaqueiro*. Como a época foi boa, tendo a empreza obtido o que lhe era devido, pode dizer-se: Aquilo é que foi *leiteira!*



CONSTA que o Apolo vai reabrir com drama. Depois da *tragedia*, era o genero mais aconselhado para aproveitar o ambiente...



A Auzeindinha chegou do Rio de Janeiro fresca e lépida como nunca. Bastou a viagem por mar para a sua rapida «convalescencia». O que lhe fez mal foi o *Ch... do Brasil*...



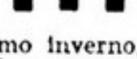
VAI renunciar á carreira teatral a actriz Ofelia Brochado, que recebeu um contrato que sentidamente lhe foi oferecido. Ofelia, vais para um convento?



CHEGA até nós a informação de que o Lobo Lauer, empresario do Maria Vitoria, costuma gritar todas as noites, depois do espectáculo: — *Viva o Jazz!*



FOI tão grande o sucesso da companhia Hortense Luz que, por enquanto, ainda não se dissolveu. No entanto, damos esta noticia sob todas as reservas...



NO proximo inverno, é o Porto quem vai dar cartas em materia de teatros. Dois teatros abertos durante toda a época. Resta saber de que tamanho são as épocas no Porto...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS

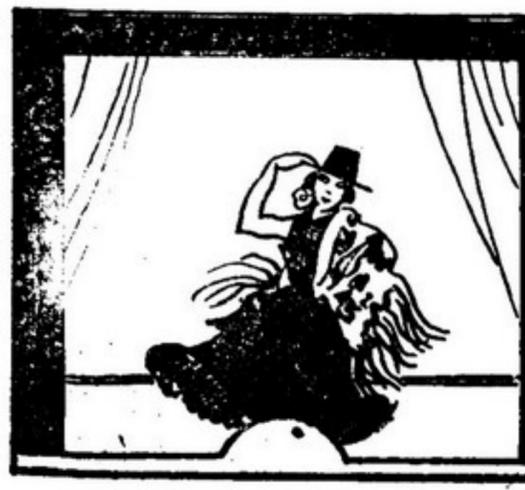
NO COLISEU

UM PROGRAMA VARIADISSIMO

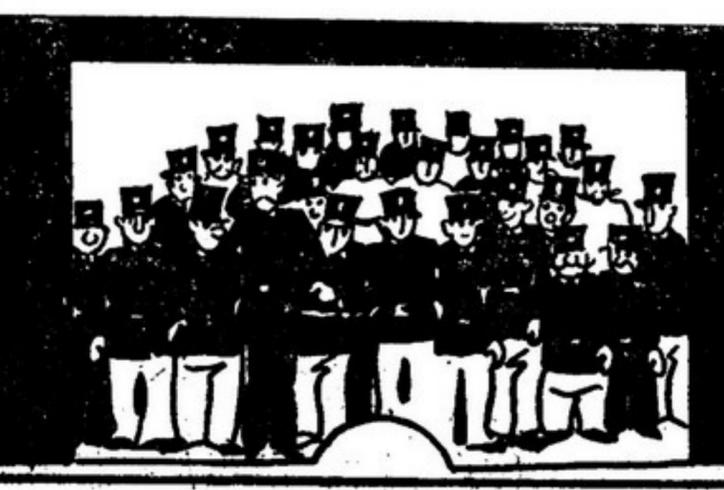
1.ª PARTE

2.ª PARTE

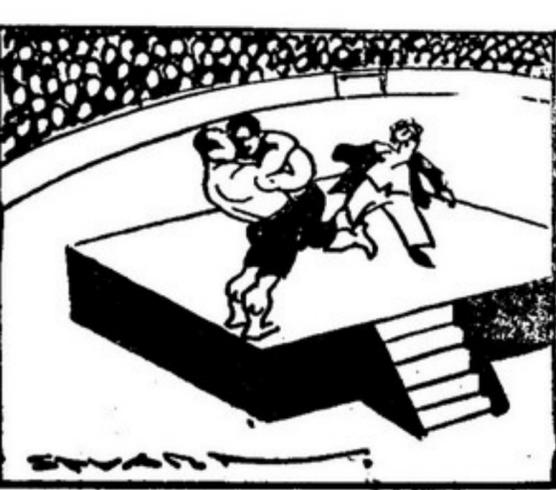
3.ª PARTE



Variedades



Coro dos policias do Don... Fradique



Lucta livre



A senhora podia dar-me o meu chapéu que ficou a marcar esse lugar onde está sentada?...

Varandim do Chiado

O Zacarias Placido era o homem mais placido... deste mundo. Nada lhe alterava os nervos, nada lhe fazia alterar o passo, que era lento e calmo como o do «Recitante», de D. Quixote, nem tam pouco a face da terra existia motivo algum que lhe fizesse adiantar o relógio, o qual, diga-se já, andava sempre pavorosamente atrasado.

O nosso Zacarias Placido era, como não podia deixar de ser, um homem de fina educação e boas maneiras. Os seus amigos, que só diziam bem dele nos dias em que conseguiam surripiar-lhe alguns escudos, chamavam-lhe, e nunca se soube bem porquê, a «Menina Seculo XVIII». Um dia, alguém o avistou, mas amigo Zacarias Placido levantou, levemente, o labio inferior num ar de indiferença, como se dissesse que não o preocupavam as piadinhas dos habitantes das esquinas.

Tão forte e dominante era a educação de Zacarias Placido que, certa tarde, recebendo de boca da menina a informação de que a sua mulher tinha um amante, não se deixou levar pela revolta dos primeiros instantes, mantendo sempre os seus requintados hábitos de respeito e amabilidade.

— Mas tu não vês a alegria de tua mulher, os seus vestidos novos, as suas joias, os seus chapéus?

Zacarias, ante interrogações como esta, não deixava de reconhecer que não tinha dado à sua conorte dinheiro para tantos luxos... Porém, achava de mau gosto perguntar-lhe quem lho havia oferecido. Achava, até, muito bem que sua mulher se vestisse com gosto, visto que era bem elegante.

Um dia, um inimigo da educação inalterável do nosso Zacarias Placido disse-lhe ao ouvido este sermão capaz de abalar um marido de pedra:

— A prova de que tua mulher tem um amante é que entrou, hoje, para tua casa uma mobília nova de quarto, que tu não compraste...

Ao entrar em casa o nosso calmissimo Zacarias Placido verificou, realmente, que uma nova mobília estava no seu quarto. Lá estava também sua mulher, ao toucador, arranjando as unhas. Ficou-se a pensar... Devia inquirir da proveniência da mobília? Ah! Não! Seria negar, num minuto, a sua delicadeza que tinha a sua idade. Sua mulher teria um amante? Não, não lho devia perguntar... Resolveu, então, olhar para aquela linda mobília, afagar as costas das cadeiras e da cama. Depois, fitando sua mulher, sem se lembrar do que o mundo dizia, abeirou-se dela, beijando-a na nuca e dizendo:

— Parabens, minha querida. Ganhaste bem o dia!
... E naquele quarto sentiu-se um ar de boa educação.

PONCIO PILATOS.

Miquelina

— Então? Está a principiar o desafio e tu ainda nessa figura?!

E Miquelina, imitando o seu compadre Candido, o motorista, a encher a camara de ar, dava à bomba do fogareiro de petroleo, sob um ambiente intoxicante de azote requeimado e fumo de petroleo.

— Estás aqui, estás a levar uma grande farinha! — ameaçava, indignado, Florencio, olhando de soslaio para o despertador.

— O homem! Estou a acabar de fritar os pasteis de bacalhau. A gente só sai do campo às 5 horas da tarde e temos de levar o comer.

— Quem me manda ser parvo?! Para que hei de eu levar este estafermo para o foot-ball? Era melhor ficar em casa a coser as meias!

— Estafermo, não! Já sabias quem eu era antes de casares comigo! E olha que não te admito nomes. Eu nunca te chamei *barriça de bicho!* — ripostou Miquelina, mãos nas ancas e garfo na dextra, enquanto os pasteis de bacalhau iam tomando a cor do Gungunhana.

— Bem, bem! Pouca *guita!* Ofendeu-se a *miss* Refugado. Vamos embora! Não te demores que são quasi 9 horas e eu quero ver o desafio das terceiras categorias.

Miquelina fez o pequeno farnel e saíram ambos de casa. A essa hora já os jogadores das terceiras categorias se encontravam nas cabines do campo das Amoreiras.

O Chelas jogava nesse dia com o Sporting.

Miquelina, antiga fabricante, fôra empregada na Companhia dos Fosforos. Passara a sua meninice em Chelas, nesse bairro de trabalhadores, em que as moçoilas, por falta de brilhantina, costumavam fazer brilhar o cabelo com azeite.

Quem dissesse mal do Chelas arriscava-se a um sermão, que o Tribunal dos Pequenos Delitos castigaria com 900 escudos, se o pollice de giro o ouvisse.

Seguiram o Florencio e a Miquelina num carro de Campolide. Uma senhora elegante, delicada de fisico, mas leoa de sentimentos desportivos, dirigia-se com um cavalheiro para o campo. A certa altura, Miquelina surpreendeu-lhe estas frases:

— Essa gente do Chelas é ordinaria. São uns grosseiros que só dizem obscenidades no campo. E tudo gente da rua...

Miquelina não pôde conter-se. Olhou para o marido, pretendeu ainda abafar o protesto, mas este estrugiu colérico:

— Não ouves o que vai a dizer aquela *feduncia?* Não tarda nada que eu não arrebebe com ela.

Mas eis que se ouve o pregão dos contratadores:

— Bancadas ou peões!

Miquelina esqueceu-se logo da *feduncia*. Atravessava, a correr, um dos jogadores do Chelas e chamou:

— O Tonio!...

Mas o Tonio não a ouviu, tal a velocidade em que seguia.

Durante os desafios das catego-

rias de honra, segunda e terceira, Miquelina não deixou de protestar contra os *leões*.

— Estes papos-sécos só bebem leite, são mesmo *barabosas*.

Quando um dos circunstantes, para a ouvir, se referia desprimorosamente aos rapazes do Chelas, Miquelina enfurecia-se e largava das suas.

Num dos intervalos teve lugar o *match* dos pasteis de bacalhau. Florencio protestou contra o sabor dos pasteis, alegando que estavam queimados e tinham um gosto a petroleo.

Miquelina exigia que um seu companheiro de bancada provasse dos pasteis, porque estavam uma delicia.

Trocaram-se palavras entre os esposos e Florencio acabou por dar um *chute* no embrulho, semeando pelo campo os pasteis.

O rectangulo, pouco depois, parecia um hipodromo, com o competente W. C. dos cavalos.

O conflito parecia iminente, quando o arbitro apitou, chamando os jogadores.

A meio do jogo, a bancada *chellista*, onde estava Miquelina, foi transformada num *ring* de box.

Miquelina dera sorte com o remoque de um sportinguista e o marido teve de intervir para que ela não sofresse algum enxovalho.

Valeu-lhe a intervenção ficar com uma equimose sob o olho, que se assemelhava a um ramo de violetas.

Mais adiante, outro incidente. Corriam em velocidade dois guardas republicanos e pouco depois havia coronhas no ar, gritos, protestos, um inferno.

O desafio terminou. E, quando o arbitro se dirigia para a cabine, ouviu-se uma detonação.

Pânico, correrias, os carros electricos assaltados. Miquelina, com a confusão, perdera a mala, que lhe havia custado 30 escudos e guardava cautelas de *pregão*.

Já dentro do electrico, Miquelina não continha o seu desespero.

— Malandros! Só assim é que ganham!

Nisto aproxima-se o condutor. Na lapela do casaco, o verde do distico dos *leões* enraiveceu-a.

— Cá está outro...

A frase ofendera a honra do empregado da Carris. E este, desesperado, fez cair o alicate dos bilhetes sobre a cabeça da Miquelina.

O fezimento teve de levar agraças, obrigando o enfermeiro a ligar-lhe a cabeça.

E quando Florencio, com um olho quasi fechado, e Miquelina, de cabeça atada, chegaram à escada do predio, a vizinha Anastacia, muito inquieta, perguntou-lhes:

— Havia alguma desgraça?

— Não, senhora! — respondeu radiante Miquelina.

— Então que foi isso? Tornou a inquirir a vizinha Anastacia, sentindo um calafrio na espinha.

— Fomos assistir ao desafio do Chelas com o Sporting...

FRED.



O noivo: — Este ovo não está bom!

A noiva: — Talvez seja por ter sido posto por uma franga que ainda os não saiba fazer...

Graça dos outros

Recordando:
— Conhecemo-nos num transatlantico, ficámos noivos num *sud-express* e casámos num aeroplano.
— E onde pensam divorciar-se?...

— Onde vais tão depressa?
— A' farmacia.
— Para ti?
— Não; felizmente é para minha mulher!...

A *creada*: — Meu senhor, o menino perdeu-se na rua!

O *patrão*: — Não faz mal! Descantá-lo-ei no seu ordenado.

Na pensão:
O *velho actor*: — Gosto muito da sua casa. Convem-me! Fico! Vera que não se ha de arrepender! A minha ultima patrão chorou quando me vim embora...

Ela: — Aqui não sucederá isso! Tem que me dar um mês adiantado.

— A minha mulher tem uma memoria horrivel!

— Esquece-se de tudo?
— Não lembra-se de tudo!...

Na rua:
— O senhor é testemunha de que este malandro me esbafeteou!

— Não reparei! Estava distraido! O melhor será ele repetir o gesto...

O *medico*: — Aboto, como disse, as duas janelas do seu quarto?

O *doente*: — Não fiz isso precisamente. O meu quarto só tem uma janela, mas abria-a duas vezes...

Entre amigos:
— Estas noites não tenho podido dormir!

— Porque não vais ao medico?
— Fui, e é a conta dele que me tira o sono...

Na rua:
O *galanteador*: — Diga-me o numero do seu telefone?

Ela: — Está na lista!

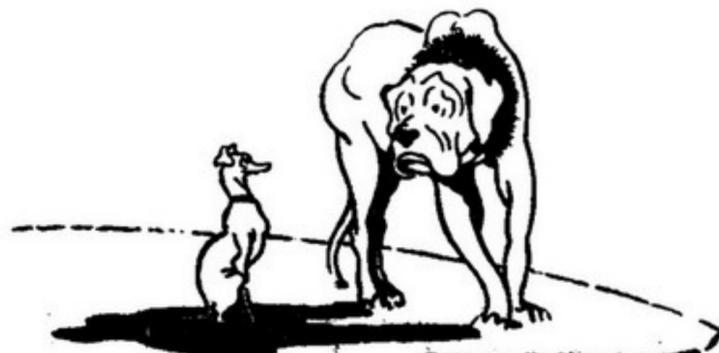
O *galanteador*: — Então diga-me o seu nome!

Ela: — Também vem na lista...

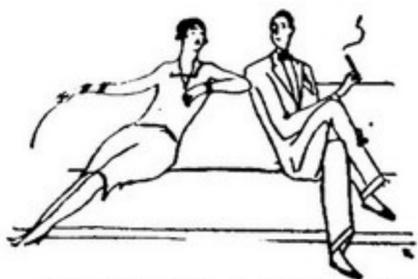
Um astronomo estava absorto nos seus calculos sobre a aparição dum cometa. Entra a criada e pergunta:

— Quando quere o senhor que lhe sirva o jantar?

Ele, muito absorto:
— No dia 27 de setembro de 1946...



— Que simpatico e que corpo de atleta!



— Se não fôsse o cheiro, parecia que o senhor estava muito longe...

Elevador da Gloria

A mulher: — E' impossivel vive nesta casa! Os visinhos fizeram hoje na escada um barulho ensurdecedor!

O marido: — E' para se vingarem de tu, ontem, teres tocado piano...

* * *

O medico: — Essas dores nos musculos da perna esquerda são devidas á sua idade avançada!

O doente: — Mas a minha perna direita tem a mesma idade e não me dói!...

* * *

Na taberna:

O patrão: — Que tal a genebra?
O freguês: — Não é lá grande coisa! Dê-me outro calice para tirar o mau gosto!...

* * *

A' porta:

O porteiro: — Pode continuar a bater!

O visitante: — Porquê, são surdos?

O porteiro: — Não, mudaram-se ha três meses!...

* * *

Entre amigos:

— Eu só vou para fora, veranejar, de três em três anos!

— E o que fazes nos outros dois?

— Num recordeo o veraneio do ano anterior; no outro, faço planos sobre o ano seguinte...

* * *

Na aldeia:

— Que fizeste do outro moinho? Recordo-me que havia dois!

— Mandei demolir o outro porque não havia aqui vento para fazer trabalhar os dois!...

* * *

No restaurant:

O criado: — O que se passa? Naturalmente muita pimenta na sopa?

O freguês: — Não! Muita sopa na pimenta!...

* * *

Entre casados:

Ela: — Já é tempo de acabarmos a discussão! Queres reconciliar-te comigo?

Ela: — Não digas mais! Já sei que te caíu um botão do casaco!...

* * *

Entre amigos:

— Gostava que me desses um sóco!

— Porquê?

— Quero vêr se este cão da Serra da Estrela, que gora comprei, me sabe defender!...

* * *

Veraneio:

Ela: — Gosta muito da vida da aldeia?

Ela: — Imenso!

Ela: — E o que faz ás noites?

Ela: — Vou á cidade distrair-me!...

Tac-Tac-Tac

D. Felismina Bufeira era uma creatura esgula, tropêça, de coração duro e antipático, sendo considerada geralmente mulher por usar saias e ter tido uma ninhada de filhos.

Porque, afóra as fraidas e a progenitura, pelas suas atitudes grosseiras e ares másculos, mais parecia labrego afeito ás lides das casas de malta do que senhora dona.

Além de variadas manias, que lhe povoavam o touço de cabeça rala e olieria, tinha a propensão de conhecer profundamente agricultura e permitia-se discutir com rispidez com os mais sabedores do assunto.

E sempre, quando via que a sua opinião ficava em maus lençóis, citava logo, em altos guinchos (porque ela guinchava como as gatas), «os seus autores».

Eu andava um tanto ou quanto intrigado com os tais autores que diziam coisas tão mirabolantes...

Um dia, vendo a D. Felismina Bufeira retirar dos seus jardins, onde eu andava a semear diversas coisas por minha conta (e para ela comer), notei que se esquecera dum pequeno livro sobre o muro, onde ela estivera encavalada. E fiquei com ele.

Chama-se *Agricultor Instruido e foi escrito por Frei Theobaldo de J. Maria em 1752.*

Depois de lê-lo é que eu compreendi porque a Felismina dizia tanta asneira.

Vão os leitores vêr.

Recolhemos á tóa: «Das borragens, Celgas, e dos Tomates. — As borragens são muito saudáveis, e mais que as outras hortaliças: querem terra grossa e de substancia; semeiam-se em Outubro ou em Abril ou Maio, purificam o sangue, alegam o coração e por isso são boas para melancolicos e fleugmaticos; confortam os bifes, alargam a respiração; o mel que delas fazem as abelhas é singular e tira a dor do lumbago. As

Celgas querem terra grossa e humida; diz Columela que se semeiam quando as romeiras estiverem em flôr, ou no Estio; são frias e humidas e dão ao corpo a mesma nutrição que as alfices; debilitam o estomago e causam nelle dores; o sumo delas tira as lendas e plolhos da cabeça e os mata. Os tomates são frios e humidos; querem muito esterco e agua que os regue; cosidos com peixe dão um gosto singular, o mesmo succedendo quando cosidos com carne.»

Até aqui Frei Theobaldo. Não vale a pena discutir as opiniões do frade. Apenas, citando-lhe a prosa, procuro explicar porque é que as terras da Felismina Bufeira só produziam disparates.

Compreende-se porque ella ali cultivava as celgas e as borragens; as primeiras para limpar a cabeça e as segundas para alegrar o coração. O resto é que saia tudo errado. Pois como havia dela encontra: tomates frios e humidos, se exactamente quando elles eriam o sumo é quando estão bem quentes, bem expostos ao sol?!

D-mais a mais, aquella asserção de quererem muito esterco é muito relativa. Nem todas as qualidades de tomate têm aquella predilecção.

Emfim, isto é como quem liz para passar o tempo; e um simples entretém. Que eu não tenho nada com a horta, nem o quintal da Bufeira.

... Mas, se ella continua assim, não me admira que lhe succeda o que aconteceu ao Jeremias Gusano, segundo elle mesmo diz:

«Eu plantei na minha horta
Uma couve de repólho;
Nasceu-me um velho careca
Co'uma batata num olho.»

Em todo o caso, sempre aproveitará a batata do olho...

CIRANO DE VELHOPRAC.



— E este gordo que está de costas?
— Isso é um homem notavel. Tem mais dois habitos além de um que já tinha. Tem o habito de S. Tiago, o habito de Cristo e o habito de roer as unhas...



O marido (á despedida): — Quando já não tiveres dinheiro, basta ir ao Banco. Eles estão prevenidos. Verás que é bem simples.

Ela: — Está bem, e a que horas techa hoje o Banco?

Novela triste

A Natura, por engano ou olvido e contra o desejo dos pais, não fadara a Isaura muitissimo bonita e, tendo reconhecido a sua falta, resolveu, á medida que ella ia desabrochando, dar-lhe identico superlativo duma forma inversa. Isto é, fadando-a muitissimo feia e muitissimo gorda. Não obstante estes defeitos fisicos, Isaura tinha duas qualidades invejáveis: era extremamente amorosa e a unica herdeira duns pais tão pódres que até cheiravam mal, tal era a fortuna que possuíam, adquirida durante a Guerra em negocios de generos alimenticios adulterados.

Não admira, pois, que a pequena tivesse uma duzia e meia de admiradores em bom estado de conservação e candidatos á mudança de situação... financeira. Aos dezessete anos, já Isaura tinha flirtado com um official de barbearia, um cabo de Guarda, um cafete com monoculo, dois alfaiates e onze desempregados bancarios, que viam naquello casamento um esplendido emprego e no sogro um cirque em l' honneur de portador.

Um dia, depois dum namoro de três meses, a filha do Carneiro — assim se chama o pai da fealdade! — resolveu fugir com o decimo primeiro desempregado bancario e, se bem o pensou, melhor procedeu. Os pombinhos foram arru har para os arredores de Lisboa, com muitas illusões, poucos escudos e algumas joias. Ao fim de dois meses, o dinheiro e as joias tinham desaparecido em proveito de dois estomagos, pelo que a pequena se viu obrigada a escrever aos pais, pedindo-lhes auxilio. Obteve a resposta de que para ella tudo, mas para o D. Juan nada! Não concordando com tal attitude, o mancebo esperancoso procurou o sogro no escritorio que elle tinha, de comissões, na rua dos Sapateiros, e expôs-lhe a critica situação em que se encontravam, ao mesmo tempo que lhe pedia um adiantamento. O velhote exaltou-se ante tanto descaramento e, num gesto irado, apontando ao intruso a porta da rua, disse-lhe:

«— Sália, seu satiro de trazer por casa! Não tenho dinheiro para dar a um malandrim que tem o arrojo de me vir pedir mil escudos, depois de ter arrancado á minha pobre filha uns magros vintens! E escusa de ir procurar a minha mulher, pois e'a tambem os não tem! Sália, miseravel!!!»

E nesta frase ultima empregou 10 pontos de exclamação.

Ignoro o fim desta novela amorosa, mas é de supôr que a pobre mãe sempre tivesse qualquer coisa para dar ao infeliz genro!

Que demonio, nem todas as sogras são tão más como as plantam!

ROCIX.

Cacharollete

Ninguém ainda satisfeito
com a sorte que Deus lhe dá,
seja alegre ou seja triste,
seja boa ou seja má...

Um exemplo eloquente
os leitores encontrarão
com o que se tem passado
durante todo este verão.

Tem sido, há quasi dois meses,
uma lamúria pegada:
— Não ha calor, este ano!
Isto é lá verão! Que massada!

Os banhistas, pelas praias,
faziam grande banzé,
e rogavam muitas praias
os homens do capilé.

Afinal, veio o calor,
e já anda toda a gente
a protestar, indignada,
contra o verão «indefectível».

Os seres humanos são todos
incoerentes, insofribidos...
Deus estava bem arranjado
se lhes fosse a dar ouvidos!

O HOMEM DOS TIMBALES.

Prosa de Cha-Velho

Concordamos com a reprobção
pública sofrida pelo sr. Ferreira
Estudante, um estudante pouco
«inteligente», um estudante mau
estudante.

Mas também não achamos bem
que o sr. Manoel dos Santos apro-
veite as derrotas dos colegas para
viterias suas.

Por companheirismo, deve o sr.
Manoel dos Santos receber discri-
tamente as ovações que o publico
lhe queria fazer, evitando exhibi-
ções e atitudes desleais.

Assim é que está certo.
E fique o sr. Manoel dos Santos
sabendo que o estimamos e não
esquecemos o seu passado de tor-
reiro valente, passado que hoje lhe
dá direito a ocupar a tribuna da
«Inteligencia».

Mas, a verdade é a verdade, por
mais «Terrível» que seja...

Pela tourada do proximo domi-
go ficamos nós, pelo menos pela
enchente, pois para alguma coisa
ha de servir a policia, agarrando
na tua todos os recalcitrantes a
bilheteira e prendendo-os na praça
durante três horas, mediante o pa-
gamento da entrada, tal como no
Torel se pagam os quartos particu-
lares.

E não tenho motivo de queira os
preses, porque a tourada esta bem
organizada, com o Nuno acollido
pelos irmãos Mascarenhas,
dois toureiros finos como Pepito
Bienvenida e Pepito Amoros, de
Pepito, fino, e com o sr. conde da
Terça na presidencia, ali, como
uma Torre!

PEREZ LA CHAISE.

Sortes grandes?

só o PINA as vende

75 - Rua de S. Paulo - 77

Quereis dinheiro?

Joga! no

Gama

Rua do Amparo, 51 - LISBOA

Sempre sortes grandes

DESSPORTOS

O que vimos nos Campeonatos de Atletismo

No domingo, de abalada até ao
Estadio, presenciámos os campeonatos
de atletismo.

Uma coisa imediatamente reco-
nhecemos: — enquanto viver o
atletismo, não pode deixar de ser
aproveitado o concurso do Joa-
quim.

Porque o Joaquim, o antigo
guarda do Estadio, é um traba-
lhador infatigavel nestes concu-
sos atleticos. E' ele que marca os
anuncios do peso, disco, dardo
e martelo. E' ele que marca os sal-
tos em comprimento. E' ele que
coloca as barreiras no local onde
muito bem lhe apetece.

Chegando-meiro é conclusão de
que algumas victorias, dele tem
dependido. Hora lhe seja!

Tambem o Joaquim, muito se
orgulha e brava de ser doutor em
«Atletismo».

A corrida de 100 metros é reme-
mbrar uma prova de grande emocão.
Desta vez, a victoria sorriu ao Ma-
rio Porto, que deixou o atleta Di-
niz a meio metro, para mais e não
para menos.

Foi affirmado, no entanto, ao pu-
blico que Diniz entrou na recta em
2.º lugar, a um peito de Porto.

A um peito, Santo Deus!
Isto levou o J. M. Serra e Moura
a inquirir: — «A um peito?
Mas trata-se dum peito do Con-
stant ou do Thompson?»

José Garnel, o simpatico atleta

Leonino, venceu três campeonatos:
disco, peso e dardo.

Em lugar de lançador, pode, por-
tanto, chamar-se-lhe «ambarca-
dor».

O dr. Abrantes Mendes, sport-
man na boa acepção do termo,
tambem appareceu nos campeonatos
de atletismo. Infelizmente clas-
sificou-se mal. Alguem, a nosso
lado, comentou: — «O campeão de
Arraiolos encostou-se em má fór-
ma».

Um meço, que julgamos cha-
mar-se Viegas, entrou num rór de
competições.

E nós, francamente, não sabe-
mos o que mais nele admirar. Se
sua persistencia e boa vontade,
se a sua regularidade na classifica-
ção: — sempre nos ultimos lu-
gares...

Do jornal Sporting, com a devi-
da vénia, transcrevemos um gra-
ciosissimo comentario do Ruy da
Cunha:

«Diz um jornal que os jogado-
res do Maritimo, do Funchal, não
tem tido nen. para os cigarros.

Vai longe o tempo dos charutos
caros... Aqui esta o titulo para um
artigo sobre o jooi-ball: — «Do cha-
ruto havano ao cigarro brêjeiro...
Tem a palavra os tecnicos...»

JONICA.

Noticias do dia

Cena de Pugilato

Ontem, ao cair da tarde, por
volta das 23 horas, envolveram-se
em desordem os srs. Jacinto Veiga
e Paulo Bastos. Da contenda re-
sultaram ficar feridos os nove
contendores. O Jacinto Veiga, á
aproximação da policia, fugiu, ten-
do sido tambem passado mandado
de captura contra o Paulo Bastos,
que ha nove anos se encontra no
Brasil para onde desertou a bor-
do de um dos navios de Pedro Al-
vares Cabral, como reclamista de
empresa.

Vencimentos em atraso

Foi apresentada reclamação pe-
los Calceteiros Maritimos por es-
tarem em atraso os seus vencimen-
tos de quasi sete meses. Os
calceteiros pedem tambem para
acertarem os vencimentos pela ho-
ra de verão e alvitram que se
mandem concertar os vencimentos
para que estes se não voltem a
atrazar, porque causa graves pre-
juizos não só a esta prestimosa
classe como tambem ás pessoas
a quem eles devem e a quem não
podem pagar por os vencimentos
se atrazarem.

Desvio de um cheque

O sr. Asdrubal Aldrubia queixou-
se a policia contra o facto de ter
mandado de Orleans-sur-Mer, on-
de reside, para Algés de Cima do
Mar, um cheque que não chegou
ao seu destino e que se desviou,
indo parar a America Central. O
cheque, que foi enviado por via
maritima, desviou-se do seu ite-
nerario devido ás correntes mari-
timas serem muito fortes nesta
quadra do ano. O cheque, que foi
desviado para o golfo do Mexico,
não tornou a ser visto, sendo ape-
nas assignada a sua passage n.º no
golfo da Guiné, onde repousou.
Foi nomeada uma commissão de sa-
bios maritimos para procurar des-
viar as correntes do mar e pro-
curar o cheque, que segundo consta
anda a monte.

Melhoramentos locais

Foi muito festejada ontem, no
Largo da Cruz da Travessa, o lan-
çamento da primeira pedra para o
marco fontenario. Os moradores
daquele local, que já ha anos
vem pedindo um marco fontena-
rio naquele largo, começaram ven-
do os seus esforços coroados de
sucesso com o lançamento da pri-
meira pedra para o marco, pois
anteveram a possibilidade de terem
agua naquele largo dentro do cur-
to espaço de dez anos, aproxima-
damente.

Consta tambem que, cadas as
dificuldades de colocar o marco
fontenario imediatamente, por não
se ver neste momento agua para
lha dar que fazer, a commissão de
melhoramentos, daquele largo vai
colocar naquele local, provisoria-
mente, um marco dos correes que,
apesar de não ser fontenario, é
um marco, ficando assim as aspi-
rações dos moradores daquele li-
tio er. parte realizadas.

Dr. Elias Baruel



O dr. Elias Baruel — «mens sana in corpore sana»
é um réclamo vivo á efficacia da sua Oficina,
A sua ginástica respiratória permite aos doentes
respirarem saúde, e os seus raios ultra-violetas põem-
nos ultra-saudáveis...



— Só tenho a preveni-la que
cos'umo comer os medelos...

ECOS DA SEMANA

EM RANGOON UMA SERPENTE DE 10 METROS ENGULIU...UM DES GRAÇADO. CUSTA A ENGULIR...



A FRANGA DA-LHE A MASSA MAS A ALEMANHA TEM PRIMEIRO DE ENGULIR

O PÁPA FARÁ ENGULIR...TODAS AS BOMBAS QUE APAREÇAM NO VATICANO GERAL.



OS PEIXINHOS DO TEJO ATÉ ENGOLEM EM SÊCO... COM AS SERE NATAS A VAPORE.



E OS LEITORES ENGULIRAM ESTA PAGINA...FÓRA O VENTO QUE ENGULIRAM NA RUA...



SE UMA DAMA SAI SÓ À NOITE SALTA-LHE LOGO O "PARECEMAL" CAPAZ DE A ENGULIR...



LEITORES! ACBITAM-SE ALVITERS PARA A NOSSA CAMPANHA CONTRA O "PARECEMAL"

CONFÉRENÇA DE CINEMA

PAGINA INFANTIL

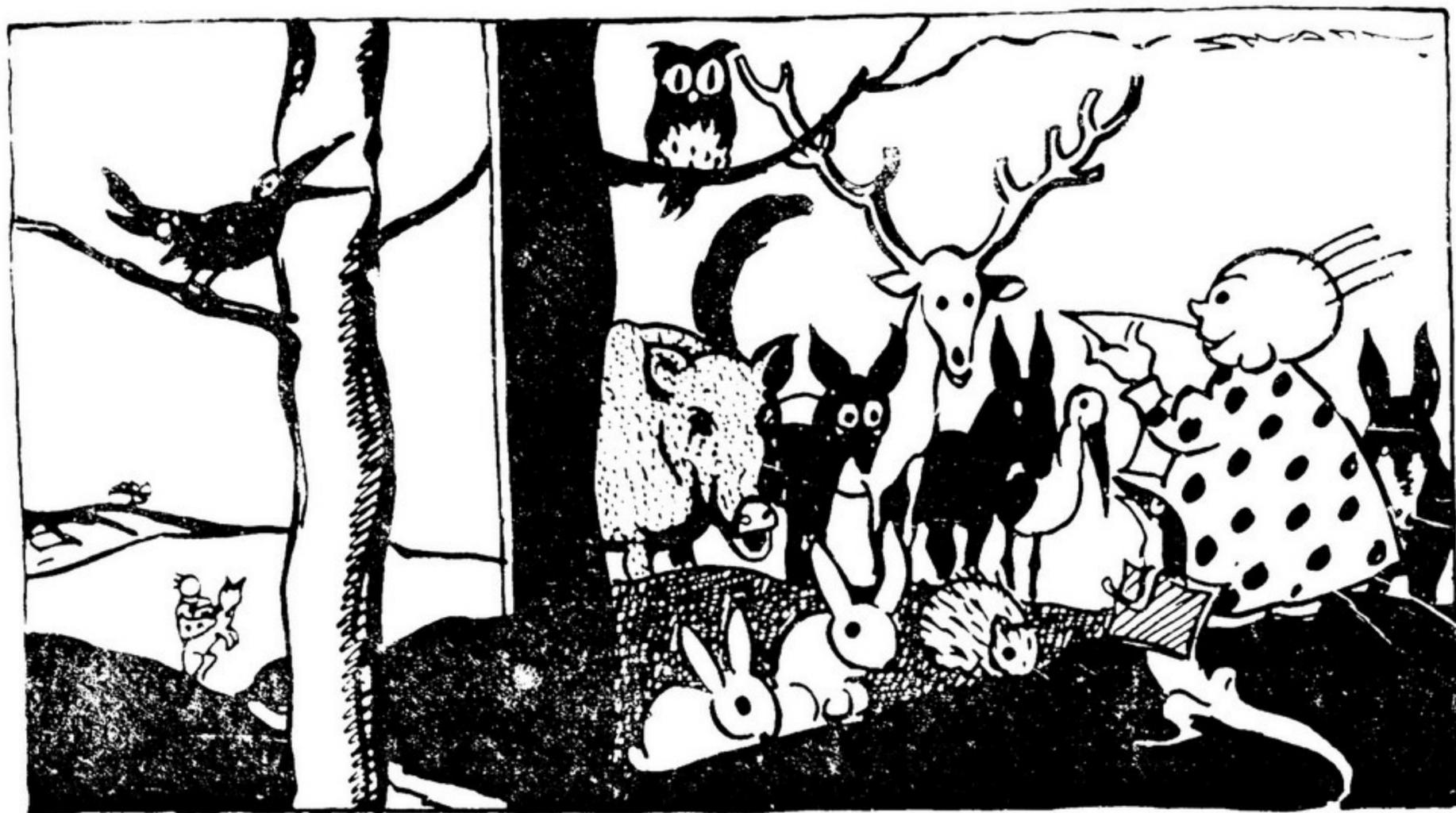
AS AVENTURAS DO QUIM & DO MANEGAS POR STVARI

Primeiro episodio da Quarta Parte



I — O Manecas despede-se do Quim, porque vai partir para revoltar os animais das florestas contra os bandidos..

II — ...e corre pelas estradas, montado no «Salta-Pocinhas», e guiado pelo sardão que é o navegador da «equipe».



III — Era quasi noite quando se ouviu a voz da pèga, chamando todos os animais.

IV — Manecas leu, então, um impressionante discurso, pedindo a todos os presentes que o ajudassem, e ao irmão, a exterminar os homens maus.

(Segue no proximo numero)